

ISSN 1646-5121

NOVA AUGUSTA

Revista de Cultura | n.º19 | 2007



Um cantil almóada em Torres Novas

Gonçalo Lopes*

No decorrer da intervenção arqueológica ocorrida na Rua Carlos Reis (n.º121), no ano de 2006, foi identificado um conjunto de silos medievais. O silo 13, por apresentar alguns fragmentos de cerâmica islâmica, merece atenção especial, sobretudo o fragmento de um cantil, provável marca de uma fugaz passagem das tropas almóadas.

319

* Licenciado em História, variante de Património Cultural pela Universidade de Évora.

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Entre Abril e Junho de 2006, o imóvel localizado na Rua Carlos Reis, nº121, foi alvo de uma intervenção arqueológica. Efectivamente, a demolição dos compartimentos do edifício, bem como a remoção de importantes parcelas do subsolo, acabariam por exigir a escavação das áreas atingidas até à cota de afectação. A direcção científica esteve a cargo de Ana Filipa Rodrigues e Teresa Costa, da empresa Crivarque Lda (Rodrigues et al. neste volume).

No decorrer do acompanhamento arqueológico foi identificado, entre outras estruturas, um conjunto de 18 silos medievais, com enchimentos de cronologia pouco variável, incidindo principalmente no período de transição do séc. XII para o séc. XIII.

Deste conjunto, destacaremos o silo 13 que, embora oferecendo um espólio idêntico aos restantes, forneceu ainda alguns fragmentos de cerâmica islâmica, objecto deste estudo.

2. ESTRATIGRAFIA

O silo 13 estava localizado na extremidade Sudeste do edifício, encostado à parede do imóvel contíguo, cujo alicerce cortava parte da sua circunferência. Por este motivo, apesar de ter sido escavado até à base, não o foi em todo o perímetro, conservando-se um perfil que deixou em reserva cerca de 1/4 do total do enchimento. Esta opção foi tomada de modo a não comprometer a estabilidade da parede e a segurança da intervenção.

Em termos de metodologia, o silo 13 foi escavado respeitando as várias unidades estratigráficas, de acordo com o preconizado por Edward Harris (1991), as quais serão adiante descritas:

U.E. 10 – Piso do edifício, em argamassa de cimento "portland", lançado sobre um enrocamento de pedra miúda e fragmentos de tijolo e telha. Cobria as [13 e 14] e encostava na [11].

U.E. 11 – Alicerce do edifício vizinho, constituído por blocos de calcário de média dimensão ligados por uma argamassa amarela pouco carbonatada. Corta a [14].

U.E. 12 – Substrato geológico argiloso, onde foi aberto o silo [13].

U.E. 13 – Interface correspondendo ao silo, aberto na [12]. Era coberto pelas [10, 11, 14, 15 e 16].

U.E. 14 – Camada "orgânica", argilo-arenosa, de tonalidade cinzento-escura com carvões, nódulos de argila e areia amarela. Continha todo o espólio arqueológico exumado. Cobria as [13 e 15] e sobre ela estavam depositadas as [10 e 11].

U.E. 15 – Depósito estéril de areão de grão grosso (entre 1 e 5mm) amarelo-acastanhado, pouco compacto, que corresponde à desagregação e abatimento das paredes do silo. Cobria as [13 e 16] e a ela sobrepunha-se a [14].

U.E. 16 – Pequena mancha siltosa de granulometria fina e textura compacta. Era uma acumulação de sedimento resultante, provavelmente, da entrada de água após o abandono do silo. Estava depositada sobre a [13] e era coberta pela [15].

3. ESPÓLIO

Os materiais recolhidos no silo 13 provêm exclusivamente da U.E. 14, de onde foi recuperado um total de 36 fragmentos cerâmicos (depois de feitas as colagens), uma faca em ferro e 34 restos faunísticos.

Relativamente ao conjunto cerâmico, há pouca diversidade formal, predominando as panelas, das quais foi possível reconstituir um perfil completo (nº 2). Apresenta bordo de secção triangular, lábio boleado, fundo plano, como aliás os restantes fragmentos desta tipologia. Por outro lado, não constituem qualquer novidade em relação ao espólio recuperado quer nos silos escavados no espaço em questão, quer na intervenção levada a cabo nos nºs 1 e 3 da Rua Tenente Valadim (Lourenço, 2002, 109–156).

Registam-se ainda dois fragmentos de infusas (nºs 1, 5), uma com decoração incisa e um fragmento de bordo de alguidar, com cordão digitado, que se filia directamente em produções medievais do Norte de Portugal, nomeadamente da região de Torre de Moncorvo (Rodrigues, 1998, 116).

Em termos técnicos, observa-se o recurso exclusivo ao torno, cozedura oxidante e a pastas medianamente grosseiras de tonalidades entre o alaranjado e o castanho (Munsell 5 YR 7/3 – 7.5 YR 6/2), com e.n.p./s¹ de quartzo e mica. O exterior das peças tem marcas de fogo relacionadas, possivelmente, com actividades culinárias.

Este primeiro grupo será, portanto, de factura

local que podemos datar, com relativa segurança, dos finais do séc. XII, princípios do séc. XIII.

O segundo grupo é constituído por um disco cerâmico e um cantil fragmentados, ambos de produção islâmica, que, como veremos, são elementos exógenos e, até ao momento, são quase os únicos descobertos em contexto dentro da área urbana de Torres Novas.

O disco está fragmentado em 10 pedaços, restando partes do bordo e das paredes. É de fabrico manual, com numerosas impurezas de natureza vegetal e apresenta o reverso queimado correspondendo a outra peça, muito semelhante, proveniente do silo da Rua Tenente Valadim (Lourenço, 2002, 143).

Objectos semelhantes têm surgido exclusivamente em contextos islâmicos, por exemplo, no Convento de S. Francisco de Santarém (Lopes, 2001, 76), ou na *natatio* das termas romanas de Évora². São conhecidos pelo nome genérico de "ṭabaq" (طبق) e serviam, principalmente, como suportes para a cozedura do pão, que sabemos ser diversa da que se praticava em ambiente cristão, esta sim em fornos. Eram peças de rápido fabrico, bastando pouco mais de uma hora, repartida entre a moldagem e a cozedura, até ficarem aptas a ser utilizadas.

Do cantil, restam, apenas, três fragmentos que permitiram a sua reconstituição integral, oferecendo um diâmetro máximo de 16,5cm. Foi fabricado a torno, numa pasta bege estranha à região, tendo recebido decoração pintada a vermelho no bordo e na parede.

¹ Elementos não plásticos.

² A peça de Évora encontra-se inédita, tendo sido recolhida numa intervenção dirigida pelo Dr. Panagiotis Sarantopoulos.

O cantil é uma forma que se vulgariza na época romana (Nolen, 1994, est. 20) e perdura até à actualidade. No al-Andalus, não obstante a sua aparição se fazer ainda durante Período Califal (séc. X), vai ser, sobretudo, no Período Almóada (meados do séc. XII à década de 30 do séc. XIII) que o seu uso se torna relativamente banal enquanto recipiente específico para o transporte de água.

No caso do exemplar de Torres Novas, a cronologia almóada é plenamente justificada, considerando os paralelos com outras peças, nomeadamente de Mértola e Silves, todas datando de finais do séc. XII, princípios do séc. XIII.

Em Mértola, foi recolhido no *Criptopórtico* um recipiente quase idêntico ao do silo 13, apenas variando nas dimensões (23cm de diâmetro) e no motivo decorativo que, em vez de pinceladas largas e curvas, apresenta uma série de pequenas linhas verticais, também a vermelho (Gómez Martínez, 2001, 140–141). Relativamente à peça de Silves, também de pasta clara e datada dos finais do séc. XII, é a que evidencia maiores diferenças, não exibindo decoração pintada nem a parede canelada, esta substituída por duas linhas incisivas (Gomes, 2002, 386).

Da mesma U.E. provém, igualmente, uma faca em ferro de grandes dimensões (cerca de 30cm), que conserva ainda parte do cabo em madeira.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Partiu al-Manşūr do citado rio (Tejo), dirigindo-se ao castelo de Turrush e lançou

contra ele o rigor do ataque e forçou o cerco e o dano contra os que estavam nele. Aparentou-se deles o desespero e quando viram as suas vidas nas garras da morte e que o levantar do cerco por parte dos muçulmanos era o mais completo absurdo, entregaram-se rendidos, ansiando pela capitulação e que se lhes deixasse respirar até que chegassem ao seu tirano Ibn ar-Rink para pedir licença para se render. Partiu o seu alcaide na companhia de figuras do al-Gharb que os levou até onde estivessem seguros." (Miranda, 1954, 161)

Assim descreve Ibn 'Idharī o cerco a Torres Novas pelo exército de Ya'qūb al-Manşūr, no Verão de 1190.

Após a capitulação, que parece ter acontecido a breve trecho, as tropas almóadas seguiram para Tomar com o intuito de submeter o castelo templário. Durou toda a campanha, desde a partida de Sevilha até ao seu regresso, 41 dias (Miranda, 1954, 162).

Contudo, a brevidade da deslocação de um exército medieval é relativa, envolvendo uma logística muito mais aparatosa do que poderemos imaginar, tendo como referência o modo de fazer a guerra em Época Contemporânea.

A par do pessoal militar seguiam, não só, o armamento, as máquinas de guerra, os ferreiros e os carpinteiros, mas também toda a coluna de aprovisionamento. Assim, por mais curto que tivesse sido o assédio a Torres Novas, exigiria sempre o estacionamento destas gentes, durante algum tempo,

a quem era necessário proporcionar algum repouso e, sobretudo, alimentação.

Na impossibilidade de confirmar a existência material e documental de uma Torres Novas islâmica, a permanência do exército almóada pode explicar a descoberta, quer dos fragmentos de *tabaq*, quer do cantil, neste contexto (arqueológico) específico que, como vimos, é datável de finais do séc. XII.

O cantil é um objecto de viagem na sua essência. Se confrontarmos as dimensões da nossa peça com as dos outros exemplares referidos, verificamos que é a mais pequena e, conseqüentemente, a mais leve e, portanto, a mais apropriada ao transporte em campanha.

O *tabaq*, por seu turno, pelas características de execução, podia ser fabricado em qualquer lugar onde houvesse argila (o que equivale a dizer, em todo o lado), sendo uma forma rápida e, acima de tudo, descartável, para obter pão. Como é óbvio, não era o único utensílio ligado a esta actividade, no entanto, as outras opções revelam-se muito mais pesadas, nomeadamente outro objecto,

conhecido por *tannur* (تنور), semelhante a um forno, mas de configuração cilíndrica, e por isso menos manuseável.

A ausência de materiais relacionados quer com actividades domésticas, quer industriais, favorece esta hipótese. Com efeito, até ao momento, para além de três moedas emirais³ de proveniência incerta, não são conhecidos outros objectos de procedência islâmica na cidade.

Portanto, pela natureza e datação destes materiais, parece estarmos em presença de vestígios, não de uma ocupação islâmica efectiva, mas de uma permanência almóada fugaz relacionada, certamente, com o cerco de 1190.

Finalizando, convém ainda referir que só com uma amostragem arqueológica alargada poderemos chegar a conclusões mais consistentes. Será necessário obter dados em outros pontos do casco urbano e tentar perceber se aparecem materiais islâmicos e se, de facto, apresentam a mesma tipologia.

Esta será só mais uma hipótese, entre muitas, que poderá ajudar a compreender como chegou um cantil almóada a Torres Novas.

³ Estas moedas constam do acervo do Museu Municipal de Torres Novas, no qual estão em exposição permanente.

BIBLIOGRAFIA

- __GOMES, Rosa Varela (2003) – *Silves (Xelb) uma cidade do al-Andalus*, Trabalhos de Arqueologia, Nº 35, Lisboa, IPA.
- __GOMEZ MARTÍNEZ, Susana (2001) – "Cerâmica" in *Museu de Mértola: Arte Islâmica*, Mértola, Câmara Municipal de Mértola, p. 107–167.
- __HARRIS, Edward C. (1991), *Princípios de estratigrafia arqueológica*, Barcelona, Ed. Crítica.
- __HUICI MIRANDA, Ambrosio (1953) – *Colección de crónicas árabes de la Reconquista*. Vol. II, Tomo I (Al-Bayan al-Mughrib fi jjtisan ajbar muluk al-Andalus wa al-Magrib), Tetuán, Ed. Marroquí.
- __LOPES, Carla do Carmo; RAMALHO, Maria M. B. de Magalhães (2001) - "Presença islâmica no Convento de S. Francisco" in *Garb: Sítios islâmicos do Sul Peninsular*, Lisboa, IPPAR, p. 31-87
- __LOURENÇO, Sandra (2002) – "A ocupação medieval na Rua Tenente Valadim, nºs 1 e 3 (Torres Novas)", *Nova Augusta*, Nº 14, Torres Novas, p. 109–156.
- __NOLEN, Jeannette U. Smit (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares: Balsa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.
- __RODRIGUES, Filipa et al., "A intervenção arqueológica no nº 121 da Rua Carlos Reis (Torres Novas): Primeiros resultados", *Nova Augusta*, neste volume p.287-318.
- __RODRIGUES, Miguel Areosa; REBANDA, Nelson (1992) – "Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Stª Cruz da Vilarça." in *Actas das 2ªs jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, p. 101–126.
- __IDEM (1992) – "Cerâmicas medievais do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo)." in *Actas das 1ªs jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, p. 51 – 66.

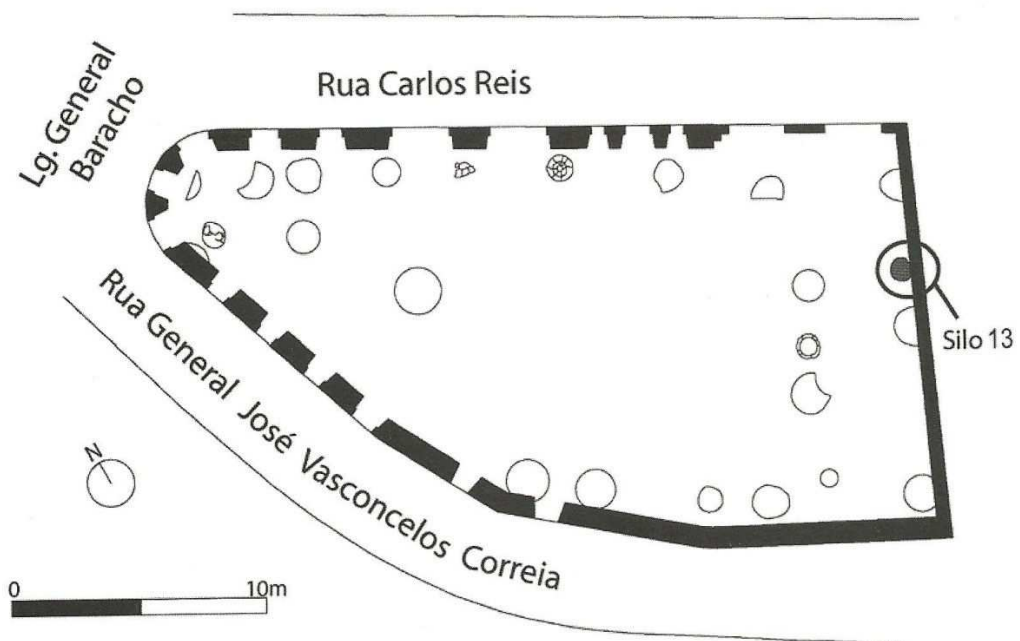
Catálogo

- 1 – Infusa. Bordo vertical recto com lábio semicircular. Asas verticais de fita. Pasta laminosa com e.n.p./s pequenos⁴ a médios de quartzo e mica. Tonalidade alaranjada (Munsell 5 YR 7/3).
- 2 – Panela. Bordo de secção triangular com lábio semicircular. Corpo globular e base plana. Pasta arenosa com e.n.p./s pequenos a médios de quartzo e mica. Tonalidade acastanhada (Munsell 7.5 YR 7/2). Superfície externa requeimada com concreções calcárias.
- 3 – Panela. Base plana com arranque de paredes curvas divergentes. Pasta granulosa com e.n.p./s pequenos, médios e grandes de quartzo rolado e mica. Tonalidade alaranjada (Munsell 5 YR 8/3). Superfície externa requeimada.
- 4 – Panela. Base plana com arranque de paredes rectas divergentes. Pasta granulosa com e.n.p./s pequenos, médios e grandes de quartzo rolado e mica. Tonalidade alaranjada (Munsell 5 YR 8/3). Superfície externa cinzenta (Munsell 5Y 4/1).
- 5 – Panela. Bordo de biselado, com asas verticais de fita. Pasta friável, depurada, com e.n.p./s pequenos de quartzo e mica. Tonalidade acastanhada (Munsell 7.5 YR 6/2).
- 6 – Infusa (?). Colo cilíndrico com moldura incisa. Pasta arenosa com e.n.p./s pequenos a médios de quartzo, mica e calcário. Interior de tonalidade acastanhada (Munsell 2.5 YR 5/2).
- 7 – Alguidar. Bordo de secção triangular com lábio semicircular. Paredes rectas divergentes com cordão plástico digitado. Pasta granulosa com e.n.p./s pequenos a médios de quartzo rolado e mica. Tonalidade alaranjada (Munsell 5 YR 7/3).
- 8 – *Tabaq*. Bordo de secção semicircular e parede convexa, de fabrico manual. Pasta laminosa, muito friável com e.n.p./s pequenos, médios e grandes de quartzo, mica e vacúolos de matéria vegetal. Tonalidade acastanhada (Munsell 7.5 YR 8/2).
- 9 – Faca em ferro, constituída por 3 fragmentos. Lâmina de um só gume e espigão de secção rectangular. Conserva parte do cabo em madeira.
- 10 – Cantil. Corpo lenticular com parede canelada e bordo aplanado. Arranque de asa vertical de fita. Pasta arenosa com e.n.p./s pequenos de quartzo, mica, nódulos ferrosos e calcário. Tonalidade bege (Munsell 7.5 YR 8/2). Apresenta pintura avermelhada (Munsell 5 YR 7/3) na parede e no bordo.

⁴ Considerou-se e.n.p./s pequenos, quando apresentam dimensões inferiores a 0,5mm; médios entre 0,5mm e 1mm e grandes, de dimensão superior a 1

NOVA AUGUSTA

Um cantil almóada em Torres Novas

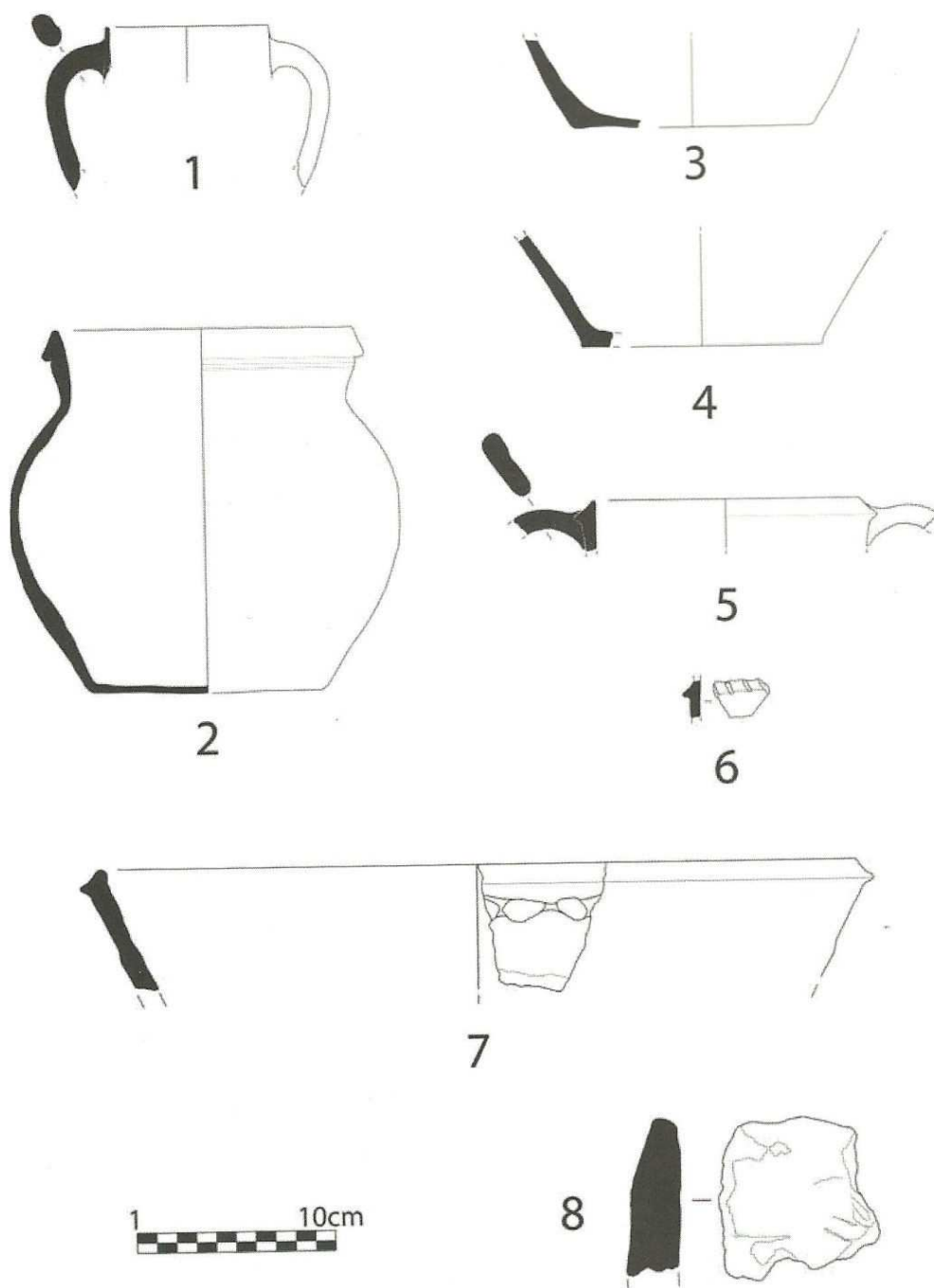


327

EST. 1 _ Planta do n.º 121 da Rua Carlos Reis, com o silo 13 assinalado.

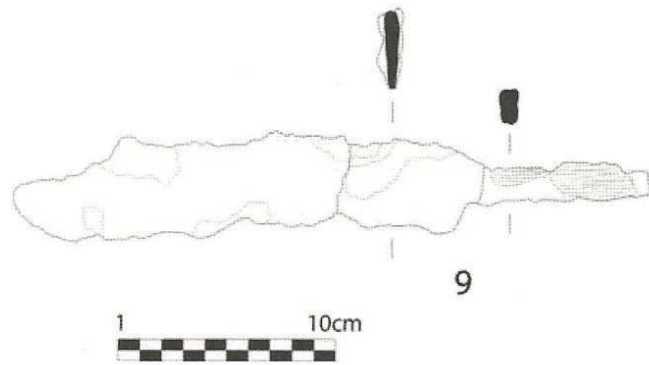
NOVA AUGUSTA

Um cantil almóada em Torres Novas

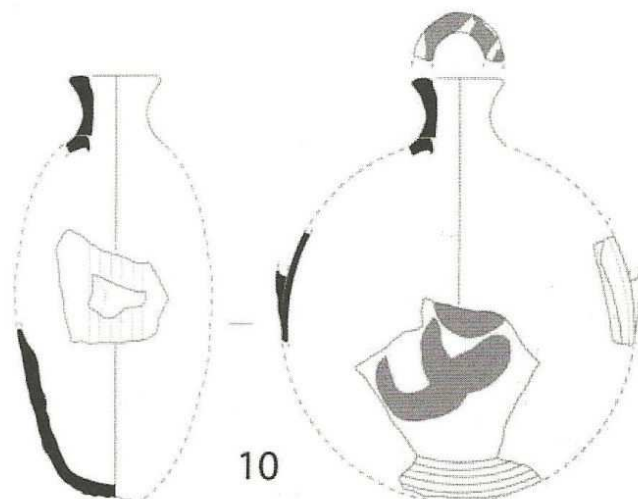


NOVA AUGUSTA

Gonçalo Lopes



EST. 4_Faca em ferro, com parte do cabo em madeira.



EST. 5_Cantil almóada do silo 13.